

A leitura, o jornal e o outro: implicações pedagógicas para além da escola

Profa. Dra. Ana Rita Silva Almeida Chiara

analmeida64@hotmail.com

Núcleo de Pós-Graduação em Educação

UNIT/Aracaju-SE Brasil

Profa. Dra. Eliana Sampaio Romão

Núcleo de Pós-Graduação em Educação

UNIT/Aracaju-SE Brasil

elianaromao@uol.com.br

RESUMO. O jornal, como os demais recursos da contemporaneidade, são consumidos no cotidiano por diversas gerações. Enaltecer, particularmente, a leitura do jornal como recurso educativo para crianças pequenas, num tempo em que parte expressiva desse público é atraído por telefones celulares, pelo fascínio da Internet, parece ser causa perdida. Este artigo pretende, a partir dessa premissa, mostrar que o material impresso, em especial, o jornal não perdeu o seu lugar entre os audiovisuais. A cultura da leitura clássica e tradicional continua em marcha, não caducou com o tempo. Tal expressão manifesta-se na televisão, no cinema e nos jornais. O jornal, portanto, representa um valioso recurso educativo para formar “leitores habituais” e “bem-informados” no processo de desenvolvimento infantil. Esse hábito, porém, não é simples. Além de aliá-lo aos recursos de última geração, importa, entre outros, descortinar a idéia de que a leitura de jornais “é coisa de gente grande.” A metodologia utilizada, de índole qualitativa, teve como instrumento a observação em campo tendo como sujeitos da pesquisa crianças de 3 a 10 anos de idade. O móbil da curiosidade epistemológica teve como foco a leitura em voz alta de notícias do jornal local relacionadas ao cotidiano desse público. Os resultados apontam que é possível, desde cedo, formar o hábito da leitura mediado pelo outro, permitindo a criança perceber as relações em seu tempo e no tempo dentro de suas dimensões.

Palavras chave: Leitura. Jornal. Criança.

(...) ler é recolher o que se vem dizendo para que se continue dizendo outra vez(...) como sempre se disse e como nunca se disse, numa repetição que é diferença e numa diferença que é repetição.
(LARROSA 2000)

A cultura letrada, por meio do papel impresso, abre as janelas, em todas as épocas, para difusão e informação dos fatos históricos, descobertas, tratados, (des)acordos, “códigos ou apenas entretenimento.” Abre as portas ao conhecimento e à herança cultural da humanidade. Abre, enfim, as mentes e os corpos para a promoção da existência humana. No mundo contemporâneo, portanto, o letramento, a escrita, o acesso à leitura e a produção impressa – seja por meio do livro, de revistas, de fotos, de paredes e de jornal - são instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento e à integração do homem à sociedade. O acesso à leitura e, mais que isso, o gosto pela leitura ainda é um desafio para os pais, para a escola, para o professor e o outro. O professor, quando dá a lição, começa a ler. E ler é um falar escutando. Para Larrosa (2000), O professor lê escutando o texto como algo em comum, comunicado e compartilhado. Lê igualmente escutando a si mesmo e aos outros. O professor lê o texto, escutando-se a si mesmo enquanto lê, e escutando o barulho do silêncio daqueles com os quais se encontra lendo. (...) O professor, acrescenta o autor, empresta sua própria voz, e essa voz, agora definitivamente dupla, ressoa como uma voz comum nos silêncios que a devolvem ao mesmo tempo comunicada, multiplicada e transformada. (Ibidem)

Mais importante do que ler em silêncio, é ler em voz alta, ler escutando, ler emprestando a voz, ler dialogando, ler em comunhão, ler com o outro - numa relação de amizade, numa relação em que o comum, a diferença, o silêncio e o pensar multiplicado se encontram. Aprender por meio da leitura não se encerra na quadradura da página escrita, não se encerra com o ponto final, mas se preenche noutros espaços em branco. Para o autor, a leitura nos traz o comum do aprender enquanto que esse comum não é senão o silêncio ou o espaço em branco de onde se mostram as diferenças, de onde emerge o perguntar para que seja perguntado de muitas maneiras, perguntar compartilhado.

Ler com os outros implica em “multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos”. Por isso, a amizade de ler com implica na amizade de aprender com, no se en-con-trar do aprender. E, nesse caso, o aprender não é apenas um meio para o saber. Ler (...) é o movimento da

pluralidade do aprender. Dar-se como texto para ser lido por muitos – e não como doutrina a ser assimilada – é oferecer-se como abertura para o múltiplo. E responder, lendo com os outros, ao texto é encarregar-se de algo comum e constituir uma comunidade que não é a do consenso, mas, sim, a da amizade(...). A comunidade que cria a lição é a amizade cúmplice daqueles que foram mordidos por um mesmo veneno(...) (LARROSA 2000, p.144)

Ler com o outro é oferecer-se para abertura coletivizada da mente, é criar laços inerentes ao ser de relações, é descobrir, vivenciar e testar o movimento do aprender, é dá vida ao ser na sua essência – ser social, ser educável, ser humano. O outro tem papel relevante nesse movimento. Importa aprender a ler com o outro, aprender em cumplicidade, ler emprestando a voz, ler escutando. Parece que essa forma de leitura instiga não apenas a pluralização dos sentidos e a capacidade compartilhada do diálogo fecundo, mas, ao lado disso, a capacidade de interessar-se pela leitura, pois, conforme Santo Agostinho (2002, p. 42), “(...) ninguém faz bem o que faz contra a vontade, mesmo que seja bom o que faz.” Esse é um desafio grande que se apresenta a escola, ao professor, ao outro. Enfrentá-lo no presente minimiza problemas de (des)gosto e (des)interesse do jovem com a leitura, com a escrita, com plurívocas formas de utilização da linguagem, evita problemas de base.

A falta de base emperra o caminhante no seu caminhar. O termo base, do grego, supõe suporte, aquilo que faz caminhar, avançar. Escolas, professores, comunicadores, enfim, o outro têm muito por fazer para que esta base seja oferecida, sobretudo a crianças pequenas. Talvez, assim, a luta contra o desinteresse dos jovens pela leitura, que não é de hoje, dê resultados mais efetivos.

Há muitos anos que se luta contra o desinteresse dos jovens pela leitura. O Brasil ainda está longe de assegurar a toda criança o acesso, o costume e o gosto pela leitura, a possibilidade de ler e aprender a ler, e, com efeito, garantir as gerações futuras capacidades e interesses pela leitura. A falta de políticas públicas eficazes que promovam o livro e a leitura tem conseqüências nefastas no desenvolvimento da criança nas suas mais diferentes infâncias. Resultados de pesquisas recentes sobre o nível médio de leitura dos brasileiros são preocupantes.

Segundo o jornal A Tarde, em 2004 as pesquisas do Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (UNICEF), revelaram que 17% dos jovens brasileiros gostam de ler, e outros 17% só lêem quando são persuadidos por professores. Os

estudos do Ministério da Cultura, apontam que o brasileiro lê em média dois livros por ano e apresenta pouco interesse pelo livro. Já o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF-2001) apontou que 67% dos brasileiros se dizem interessados pela leitura (ALMEIDA, 2007, p.27)

Nesse contexto, indaga-se: que subjaz o desinteresse do adulto e do jovem pelo livro, pela falta de gosto em desenvolver hábitos pela leitura? As causas são várias e se apresentam em cadeia – avulta, porém, uma delas: o fosso de projetos que despertem crianças pequenas para o hábito de ler, o gosto pela leitura. No homem, lembra Comênio (2002), só é firme e estável aquilo de que se embebe a primeira infância(...) uma vez que dos anos da infância e da educação depende todo o resto da vida. Se as crianças pequenas, acrescenta o autor, não forem preparados desde então para todas “as coisas de toda vida, está tudo perdido”.

Nos últimos anos, o governo tem intensificado o incentivo pela leitura através do Plano Nacional do Livro e Leitura “que apresenta uma série de estratégias de democratização, fomento, valorização e desenvolvimento da economia do livro com fins de incentivar a população brasileira a ler livros.” (ALMEIDA, 27). Junto a essa política governamental emerge o apoio da sociedade civil, que cria também iniciativas que possam transformar a capacidade leitora dos seus cidadãos, possibilitando a leitura para brasileiros e brasileiroinhos no seu legítimo caráter prazeroso.

Nessa esteira de incentivos o mercado editorial e bibliotecas vem se modificando para atender não apenas as crianças pequenas – em todas suas infâncias, mas a leitores e aos leitores em potencial. A escola tem, tanto quanto possível, aproximado a criança ao mundo da leitura, mas ainda falta-lhe muito para despertá-la definitivamente para o universo da cultura letrada. O outro, sejam os pais, sejam pesquisadores, sejam estudantes universitários, sejam os professores, sejam os adultos e os comunicadores, em geral, têm papel relevante a desempenhar. Para Romão (2003), pensar a educação é tarefa credenciada ao pedagogo. Pensar e responder pela educação - seja de adultos, seja de jovens, seja de adolescentes, seja, particularmente, de crianças pequenas não se restringe a apenas um outro – no singular, nem a um único espaço, mas estende-se, por meio dos mais diferentes meios e mídias, a todos seguimentos sociais. Sabe-se que todo projeto de mudança social aparece o apelo a educação, a responsabilidade do Estado, da Família, da Escola, da Mídia, do Outro.

Tanto o governo quanto os diversos segmentos da sociedade civil exercem influência sobre a formação de leitores e a escola tem a responsabilidade ímpar de, conforme Genovesi (1993, p. 106), “realizar intervenções metódicas e sistemáticas, na compreensão, e no cultivo do prazer de ler. Se auxiliada por uma produção literária de bom nível, pode criar as bases de uma transformação necessária: o salto qualitativo em direção ao saber ler.”

A leitura do jornal é uma prática iniciada na família, continuada na escola e nos demais ambientes letrados. Esse espaço dedicado à leitura fora dos muros escolares e sem o compromisso de atrelar a leitura em voz alta à aprendizagem da leitura e da escrita, objetivo já perseguido pela escola, é uma oportunidade para as crianças se aproximarem de forma lúdica ao livro e à leitura.

Tenha-se presente que toda mídia é um espaço inexoravelmente educacional, e, que, nesse ritmo alucinado da “sociedade maquina”, empilham-se os problemas sobretudo de relacionamento, de diálogo, de percepção do que gira em seu entorno, de percepção do outro. O outro pode se servir dos mais diferentes recursos para ajudar a criança se distanciar cada vez mais da animalidade. O jornal faz parte, tanto quanto possível, do cotidiano infantil antes mesmo da criança ter acesso a leitura da palavra - na primeira infância, no universo familiar - na voz do adulto parente, ou em experiências e visitas às bibliotecas, bancas de revistas e livrarias. O domínio da linguagem, seja escrita ou falada, na infância é mediada pelo outro, tendo a voz um importante papel no acesso e no gosto da criança ao universo cultural letrado.

(...) é necessário dizer que a criança aprende a ler se conhece os livros e se, em qualquer modo, é habituada a usá-los com frequência. É necessário, portanto, valorizar a utilização precoce do livro de modo que a criança possa primeiro jogar e depois ler, através das imagens e da leitura do adulto. (CATARSI, 2004. p.4)

Na literatura especializada, autores como Genovesi (1993), Bueno (1999), Catarsi (2004), Almeida(2007), veiculam leitura e prazer, defendendo a idéia de que o prazer da leitura antecede o saber ler. Para esses autores, o prazer de ler nasce do contato e do manuseio do livro, do ouvir e ver códigos lingüísticos ainda não decifráveis. Portanto, o aprendizado da leitura não deve escamotear o gosto pela leitura.

Esse gosto, todavia, não nasce das nuvens, mas da leitura do mundo. A criança ao ler o mundo, interessar-se-á por este mundo letrado, pela leitura da palavra. Da palavra, todavia, contextualizada, autêntica, palavra dialetizada. Palavra, portanto, em que “o movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente.” Paulo Freire (1987, p. 32) vai mais longe ao afirmar: “(...)a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escreve-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transforma-lo através de nossa prática consciente”. É nisso que consiste a construção do caminho do mundo não letrado para o mundo letrado.

A partir das reflexões acima, o presente estudo procurou investigar se a leitura cotidiana do jornal constitui-se em um instrumento que pode despertar na criança o interesse e o gosto pela leitura.

Durante a análise foi possível observar que a leitura do jornal atraía as crianças, pois o escutar alguém ler provocava prazer e despertava a atenção dos ouvintes.

No decorrer da leitura em voz alta do jornal, pôde-se observar que as crianças apreciavam e se divertiam em escutar as notícias. As crianças menores se divertiam com as notícias curtas, respondendo com vivacidade a textos com estruturas simples, já as maiores eram capazes de acompanhar com olhos vivos e atentos os textos mais longos e complexos.

O tempo de atenção que as crianças conseguiam dispensar à leitura também variava conforme a idade e as características de cada uma. Quando o texto era longo, as crianças em um determinado momento apresentavam desinteresse. Notou-se, portanto, uma diferença na concentração. Enquanto as crianças menores apresentavam pouco tempo de concentração, dispersando-se com qualquer ruído ou preferindo jogar com um objeto, as maiores ouviam de modo perspicaz, escutando concentradas as notícias com os colegas menores. As crianças maiores revelaram-se mais interessadas em ouvir a leitura, apresentando expressivamente interesse pelo texto.

Supõe-se que o convívio com o mundo da leitura, desde cedo, favorece o desenvolvimento de habilidades cognitivas como ouvir, ler e escrever. Portanto, a prática da leitura através do outro, mesmo antes do domínio da escrita pela criança, possibilita não somente uma aproximação mais rápida com o mundo letrado quanto

favorece o desenvolvimento de alguns pré-requisitos necessários à leitura como a atenção, a concentração, etc.

No processo de leitura em voz alta, notou-se que cada criança tem seu modo particular de escutar. Alguns tinham necessidade de escutar a leitura, observando as figuras no jornal. Para isso sentavam-se, comodamente, próximas da leitora, folheando com atenção os dispostos sobre o chão. Outras escutavam silenciosa com os olhos atentos.

Durante o processo de pesquisa, pôde-se observar um progressivo interesse pela leitura. As crianças participavam freqüentemente das sessões de leitura, revelando-se interessadas tanto pelo jornal quanto pela descoberta de novos espaços de interação, de aproximação entre a criança e o adulto, cujo instrumento mediador era a leitura.

O presente estudo revelou que a leitura em voz alta realizada na escola ou fora dela pode tornar-se um momento prazeroso, uma escolha que a criança faz entre tantas outras opções. A leitura em voz alta conduzida em um espaço lúdico pode aproximar a criança do livro e a ajuda a descobrir o prazer de ler.

Não se pode negar o lugar que o ocupa o adulto na aproximação da criança ao universo letrado. De acordo com Almeida (2007) a leitura feita pelo adulto é um instrumento valioso, pois o gosto pela leitura pode ser despertado já no seio familiar onde há oportunidade para se experimentar uma história através da voz dos pais.

Eu aprendi, desde a idade de dois ou três anos, que cada cômodo da nossa casa, a qualquer hora do dia, era ali para que alguém lesse ou escutasse alguém ler. Para mim, lia minha mãe. Pela manhã, lia para mim no quarto grande, enquanto nos balançávamos, sentadas juntas em uma cadeira de balanço que fazia tique-taque ritmicamente como se um grilo acompanhasse a história. Nas tardes de inverno, lia para mim, na sala de jantar em frente à lareira com o relógio ‘o cuco’ que concluía a história com um ‘Cuco’, e à noite quando me enfiava na cama. Provavelmente, eu não lhe dava trégua. Às vezes, lia para mim na cozinha, enquanto batia a manteiga na tigela e o rumor da batedeira acompanhava como um soluço toda a história. (WELTY, apud, Merletti, 1996, p. 33,).

Desse modo, o gosto de ler nasce muito antes do domínio da escrita porque o som da palavra do outro desperta o desejo de ler porque “a leitura em voz alta confere à leitura uma importância afetiva forte e indelével que contribui, em modo determinante, para a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento do prazer de ler,”

(Merlertti, 1996, p.13) uma vez que, não podemos negar, “compartilhar histórias é como transmitir uma parte de si mesmo, é participar de um ato criativo, intensamente vivido e saboreado”(p. 48).

Por meio do presente estudo, constatou-se que se não desenvolver a capacidade e o interesse da criança pequena ler, ficará fadada ao fracasso a luta do país em despertar o jovem para o livro, para a cultura letrada – leitura de si e do mundo em que se inserem. Sabe-se que a mesma atitude que se tem em relação à leitura – seja do livro, do jornal, da arte fílmica, sejam dos demais recursos da mídia, deve ser a mesma conduta que a criança, o jovem e até o adulto deve ter em relação ao mundo – atitude crítica- de discernimento- de percepção daquilo que lhe serve e aquilo que não lhe serve. O jornal, categoria aqui em destaque, pode ser um recurso para que o outro, numa leitura atual e compartilhada, aprenda a ler, aprenda a pensar, aprenda exercer a cidadania e, voltando ao começo com Larrosa (2000), aprenda a recolher-se na intimidade daquilo que dá o que dizer ao dito e demorar-se nisso, a alimentar-se nisso – ao mesmo tempo que aprende a escutar, a pensar em conexão – com o outro, com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. A.C. Leitura em voz alta: uma experiência com crianças de três a dez anos de idade. Ponta Grossa, Práxis Educativa, v.2, n.1, p. 27-32, jan. – jun. 2007.

BUENO, D. M. A. G. A criança e a leitura na escola: construindo a cidadania. *Leitura: teoria & prática*, ano 18, dez. 1999, nº 34, pp. 68 – 77.

CATARSI, E. Leggere: a scuola il ‘dovere’, in biblioteca il ‘piacere’? Disponível em <www.giuntiscuola.it>. Acesso em 11 mar 2005.

COMÊNIO, J. A. *Didática Magna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GENOVESI, G. Leggere oltre la scuola. In: G. Genovesi & P. Magari (org.). *Leggere a scuola e oltre*, Ferrara, Corso Editoreb, 1993.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO E AÇÃO EDUCATIVA. Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), São Paulo, 2001.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1987

LARROSA, J. Sobre a Lição. In: *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Autêntica: Belo Horizonte, 2000

MERLETTI, R. Valentino, *Leggere ad alta voce*. Milano, Mondadori, 1996.

ROMÃO, E. A infância e as mídias. In: *Infância, Cultura e Mídia*. Org. Aldo Pontes. São Paulo: Zouk, 2005.

SANTO AGOSTINHO. Ódio o estudo. In: *Confissões*. Patrística. São Paulo: Ed. Parulus, 2002.

STINGHEN, M. G. Almanques e profecias: leitura de cordel. In: *Leitura: teoria & prática*, ano 18, dez. 1999, nº 34, pp. 40 – 45

WELTY Eudora. One Writer's Beginnings. In: Merletti R V. *Leggere ad alta voce*. Milano, Mondadori, 1996.